

Editorial

Machado de Assis: tradução, edição e circulação internacionais

Machado de Assis: Translation, Publishing and International Circulation

HÉLIO DE SEIXAS GUIMARÃES

Universidade de São Paulo
São Paulo, São Paulo, Brasil

Machado de Assis empenhou-se em ter seus livros circulando fora do Brasil, mas os resultados foram modestos. Alguns de seus poemas foram publicados em Portugal ainda na década de 1860 e parte das *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi publicada em um jornal português. O escritor também fez três tentativas de publicar *Memórias póstumas de Brás Cubas* em alemão, todas frustradas (GUIMARÃES, 2012/2009). Em vida, apenas dois de seus livros foram traduzidos: *Memórias póstumas* saiu em 1902, em Montevideu, e *Esau e Jacó* foi publicado em 1905, em Buenos Aires.

Depois de sua morte, em 1908, as traduções foram aparecendo de forma esparsa, principalmente em espanhol, italiano e francês. Até 1950, havia cinco títulos traduzidos para o espanhol, dois para o alemão, quatro para o italiano e três para o francês.¹

A partir do início da década de 1950, o panorama começou a mudar. As traduções para línguas estrangeiras tornaram-se mais regulares e frequentes, principalmente nos Estados Unidos. Isso ampliou consideravelmente as

¹ Para um quadro mais geral das traduções de Machado de Assis, cf. a obra *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis* (INSTITUTO MOREIRA SALLES, 2008, p. 299-304) e o verbete "Traduções da obra de Machado de Assis" no *Dicionário de Machado de Assis*, de Ubiratan Machado (2008, p. 338-340).

possibilidades de circulação internacional da obra e causou impactos consideráveis nos círculos literários brasileiros, na medida em que estudos de peso sobre o autor começaram a ser produzidos fora do Brasil (GUIMARÃES, 2019).

As primeiras traduções de livros de Machado de Assis para o inglês foram publicadas num momento de profunda modificação do quadro da circulação e da recepção internacional da literatura brasileira, do qual essas traduções são efeito e causa.² Até a década de 1950, não havia nem vinte romances brasileiros disponíveis em inglês (ARMSTRONG, 1999). A partir de 1950, são lançadas as primeiras traduções para o inglês, publicadas primeiramente nos Estados Unidos e depois na Inglaterra.

A partir de meados da década de 1950 e ao longo dos anos 60, também por causa do relativo sucesso das traduções para o inglês, começaram a aparecer as primeiras traduções para o sueco, dinamarquês e holandês. Quase simultaneamente surgiram edições em tcheco, polonês e russo, sugerindo a inclusão de Machado de Assis nas disputas da Guerra Fria, em demonstração de que o interesse internacional pela obra machadiana acompanhava a reorganização geopolítica do pós-guerra.³ Mais recentemente, seus livros ganharam traduções para turco, árabe, japonês e chinês.

O dossiê “Machado de Assis: tradução, edição e circulação internacionais” trata desse processo de difusão internacional da obra de Machado de Assis, considerando os processos de tradução, edição e circulação dos seus escritos em outras línguas e países. O objetivo é compreender melhor as condições que em certos momentos dificultaram e, em outros, permitiram a circulação dos escritos de Machado de Assis em outros países e línguas, bem

² O primeiro romance publicado em inglês, em 1951, foi *The Posthumous Memoirs of Bras Cubas*, traduzido por William Grosmann e impresso no Brasil, relançado no ano seguinte, nos Estados Unidos, como *Epitaph of a Small Winner*. Em 1953 saiu a tradução de *Dom Casmurro*, feita por Helen Caldwell. No ano seguinte, Clotilde Wilson lançou sua tradução de *Quincas Borba*, intitulada *Philosopher or Dog?* na edição norte-americana da Noonday Press e *The Heritage of Quincas Borba* na edição inglesa da W. H. Allen, datada do mesmo ano de 1954. Em 1955 foi publicada no Brasil pelo Instituto Nacional do Livro a tradução de E. Percy Ellis para *Memórias póstumas de Brás Cubas*, intitulada *The Posthumous Reminiscences of Braz Cubas*. Em 1965, a University of California Press publicou *Esau and Jacob*, tradução de Helen Caldwell e, no ano seguinte, uma nova edição de sua tradução de *Dom Casmurro*.

³ Veja-se a sequências das notícias: “Machado de Assis em Moscou”. *Manchete*, Rio de Janeiro, s/d; “Machado de Assis em polonês”. *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 16.04.1959; “Machado de Assis na URSS”. *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 17.04.1959; “Estudando Machado de Assis em Moscou”. *A Tarde*, Salvador, 24.04.1959; “Literatura brasileira em russo”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20.06.1959; “Brasil e Estados Unidos: estudo dos pontos de contato cultural”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 14.07.1959; “Brasileiros na Polônia”. 23.07.1959; “Versão tcheca da obra de Machado”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 26.08.1959; “Machado de Assis traduzido para o tcheco”. *O Estado de S. Paulo*, 30.08.1959; “Autores brasileiros na URSS”. *Novos Rumos*, 25.09.1959.

como conhecer os desafios colocados pelos seus textos nos seus trânsitos em outras línguas e culturas, desafios que envolvem questões de várias ordens – linguísticas, literárias, editoriais, educacionais, políticas e geopolíticas.

No conjunto de textos aqui reunidos, Flora Thomson-DeVeaux e Jorge Uribe mostram como o trabalho de suas traduções, de *Memórias póstumas* para o inglês e de *Dom Casmurro* para o espanhol, respectivamente, revela dimensões fundamentais da composição do texto de Machado de Assis, que muitas vezes passam despercebidas pelos leitores brasileiros do texto em português. Regina Zilberman e Jacqueline Penjon detalham, respectivamente, a circulação dos textos de Machado de Assis em Portugal, dividida pela pesquisadora em três fases, e na França, onde o escritor foi lido sob o signo da latinidade.

Concentrando-se no ambiente anglófono, Deborah Cohn mostra como as traduções de Machado de Assis publicadas nos Estados Unidos inserem-se no quadro geopolítico do pós-guerra e da diplomacia do livro; Hélio de Seixas Guimarães acompanha a trajetória editorial dos livros do escritor nas décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos e na Inglaterra; Cynthia Costa trata da extensa fortuna crítica, em inglês, do romance *Dom Casmurro*; e Lenita Pisetta comenta, em perspectiva comparada, cinco traduções das *Memórias póstumas* para o inglês.

Com isso, a *MAEL* quer contribuir para a sistematização e o melhor conhecimento do processo de difusão internacional da obra de Machado de Assis, que está em curso e à espera de mais estudos.

Referências

ARMSTRONG, Piers. *Third World Literary Fortunes*. Lewisburg: Bucknell University Press, 1999.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, São Paulo, n. 23/24, p. 299-304, jul. 2008.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Uma vocação em busca de línguas. Notas sobre as (não) traduções de Machado de Assis. In: GUERINI, Andréia; FREITAS, Luana Ferreira; COSTA, Walter Carlos (Orgs.). *Machado de Assis tradutor e traduzido*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012, p. 37-45. Publicado também em *Luso-Brazilian Review*, v. 46, n. 1, p. 36-44, jun. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1353/lbr.0.0057>.

_____. Helen Caldwell, Cecil Hemley e os julgamentos de Dom Casmurro. *Machado de Assis em Linha – Revista Eletrônica de Estudos Machadianos*, São Paulo, v. 12, n. 27, p. 113-41, maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-6821201912277>.

MACHADO, Ubiratan. Traduções da obra de Machado de Assis. In: _____. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008. p. 338-340.

HÉLIO DE SEIXAS GUIMARÃES.  <https://orcid.org/0000-0002-2054-2689>.